

OS NEGÓCIOS DA COPA DO MUNDO

Flávio Almeida Reis*

A *Nike* patrocina os 25 jogadores mais caros da Copa, seguida pela *Adidas* e pela *Puma*. Hoje a arrecadação da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) com patrocinadores chega à marca de meio bilhão de reais. Uma das estratégias adotadas foi tentar fazer uma clara separação entre a crise de corrupção vivida pela direção da CBF e os resultados em campo. E além dos contratos de patrocínio com *Nike*, *Itaú* e *Vivo*, a CBF ainda criou um programa de licenciamento de produtos e já certificou 200 produtos no mercado.

Na Europa e em todo o mundo, as grandes equipes são hoje usadas para a manipulação e lavagem de dinheiro, especulação, estão a serviço dos patrocinadores e dos impérios televisivos. A *Copa do Mundo* se destina a isso em primeiro lugar. Nas categorias de base, os jovens jogadores são objetos utilizados por investidores e especuladores que “cuidam dos atletas” para depois vendê-los e faturar fabulosas quantias. Os atletas são ações no mercado financeiro do esporte.

Os jogadores são adestrados para aceitar essa lógica perversa e destruidora! Um ou outro chega ao topo e enriquece. A ampla maioria desaparece. Quem sempre lucra com a Copa é a FIFA (Federação Internacional de Futebol, em sua sigla em inglês) e entidades privadas, como CBF, grandes bancos, monopólios capitalistas patrocinadores oficiais da Copa, empresas da indústria do turismo, empresas privadas que controlam os aeroportos e o transporte público e os pequenos e médios empresários donos de bares, restaurantes, hotéis (que comem pelas bordas com o fluxo dos turistas).

* Professor de Geografia no Colégio Vital Brazil, em Niterói, Rio de Janeiro. Correio eletrônico: reis.geografia@gmail.com

Essa foi a Copa em que a seleção brasileira foi a menos “brasileira” de todas – só dois de seus jogadores são de times nacionais – o mesmo ocorreu com as demais equipes americanas. E nada explica melhor que a magnífica metáfora de Eduardo Galeano (2018): as veias da América Latina seguem abertas. Com as seleções africanas e asiáticas não é diferente, uma distorção gerada pelo imperialismo. Situação contraditória que só o asqueroso sistema capitalista pode proporcionar, quando olhamos as seleções europeias em que muitos jogadores descendem de africanos ao mesmo tempo que assistimos o Mar Mediterrâneo se transformar num cemitério de imigrantes.

A Copa na Rússia está despertando um fenômeno interessante que é a nostalgia do povo russo com a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), sentimento que aumentou com a passagem da Rússia para a fase eliminatória, trazendo saudades da forte equipe da União Soviética dos anos 1960 e 1970. E mesmo entre os jovens que nasceram nos anos 1990 e 2000, a Copa fez multiplicar os comentários sobre como era melhor a qualidade de vida antes do fim da URSS.

Sabemos que os brasileiros têm uma relação intensa com o futebol e ele é usado pela burguesia como um alívio da dura realidade de miséria que sofre a classe trabalhadora na sua rotina. E a burguesia usa o período da Copa para aprovar uma série de leis reacionárias como a legislação sobre agrotóxicos e outras, ou aumentar o valor do transporte urbano. Mas fazem isso com dificuldade, porque essa Copa não empolgou a torcida brasileira.

Nos dias de jogos do Brasil vimos o esforço da Globo em mostrar algumas praças cheias, mas foram só algumas praças de algumas cidades. Praticamente não se viu ruas enfeitadas e notou-se um desânimo grande com a seleção. O mal-estar com o sistema e as contradições da sociedade burguesa só têm aumentado. Até porque faz poucos anos que as pessoas viram de perto que não há *glamour* em sediar uma Copa e uma Olimpíada, diante de tanta corrupção e repressão aos trabalhadores e jovens como se viu aqui no Brasil.

O capital tenta recriar sua ordem para evitar que esse grande

desconforto potencialize novas resistências, mas diante da crise eles não têm mais nada a oferecer. Até a política de pão e circo está desgastada, principalmente quando falta o pão...

Os trabalhadores também podem tirar as melhores conclusões políticas nessa situação, que significa organizar politicamente, afastando-se das confusões burguesas e buscando o caminho da revolução, pois na época imperialista em que vivemos, qualquer reivindicação, por mais simples que seja, entra em choque com a acumulação de capital.

A arte, a beleza, seja do futebol ou de qualquer esporte, tende a desaparecer sob o toque esmagador do capital.

Referências bibliográficas

GALEANO, Eduardo Hughes. *As veias abertas da América latina*. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2018.

